

Tessalom – conto da série “Evangelho Segundo Sipriano” | Moa Sipriano

Terça-feira é dia de caminhada. Cumpro este ritual há sete anos. Naquele dia ensolarado na cidade das cinzas permaneci fiel à minha rotina. Do meu apartamento até o grande parque gasto exatos cinco minutos a passos largos.

Após os exercícios de alongamento, uma corrida leve na amplidão daquele verde sem fim e a inevitável troca de olhares com outros corredores muito interessantes, busquei um lugar à sombra para descansar o meu velho corpo malhado.

O sol das dez castigava a pele de duas senhoras albinas que caminhavam e discutiam em voz alta os liberalismos praticados por um grupo de gays que descansava embaixo de um grande ipê amarelo, completamente florido nesta época do ano. O som do rádio-cd de um dos rapazes tocava clássicos do Prefab Sprout. Era agradável ver a nostalgia estampada em seus rostos.

No mesmo grupo, um rapaz imitava os trejeitos de Madonna em "Vogue", dublando na imaginação a canção que escapava do seu fone de ouvido. Pessoas que faziam o cooper matinal reduziam o ritmo para apreciar o espetáculo proporcionado pelo belíssimo negro. Beleza estética e dom artístico conviviam em harmonia naquele micro mundo. Havia o respeito das pessoas, que se divertiam com a arte exposta naquele lugar, naquela linda manhã de sol. Sai para caminhar um pouco em volta do lago.

Havia um imenso chafariz bem no centro do parque. Os jatos de água traziam deliciosas lembranças da infância, quando meu pai costumava caminhar ao meu lado naquele mesmo local. Ali naquele ponto costumávamos ficar horas conversando sobre os assuntos da vida. Gotículas trazidas pelo vento umedeciam nossos rostos e corpos, purificando o nosso amor. Amor de pai e filho. Amor de amigos verdadeiros.

Hoje eu não sentia o ar em movimento. Mas pequenas gotas formaram-se em meus olhos. Espantei as lágrimas da saudade e tratei de apressar o passo para chegar ao meu segundo local preferido no grande parque.

A paineira ainda proporcionava sombra abundante. Sentei-me no gramado e recostei o corpo no caule da velha amiga, observando algumas crianças e seus respectivos pais brincarem na beira do lago. Em outro ângulo, havia adolescentes namorando a céu aberto. A maioria certamente tinha cabulado as aulas no Stella Maris para desfrutar as delícias de um prazer inocente. Primeiros beijos, primeiros toques, primeiro "eu te amo". Como é ingênua essa fase de nossas vidas, meditei.

O calor do horário de verão se fazia presente. Foi um choque quando meu olhar encontrou um alienígena sentado a poucos metros distante de mim. As pernas sem cor definida e cobertas de pêlos ralos destoavam da bermuda e do blusão de tecido escuro que não combinavam em nada com a temperatura elevada daquela manhã. Um capuz e óculos escuros completavam o paramento. Um par de Adidas antigos calçavam pés pequenos, encobertos por meias branquíssimas da mesma marca.

Minha sensação de calor aumentou exponencialmente ao presenciar aquela cena. O rapaz ora olhava em direção ao lago, ora descia a cabeça até o queixo quase tocar o peito, quando sentia a presença de alguém passando ao seu lado. Presenciei seu desconforto por dez minutos. Não resisti. Meu coração implorava para eu ir conversar com o rapaz. Eu dei o primeiro passo.

"Tudo bem com você?", perguntei ao ser estranho, sentando-me ao seu lado. Não houve resposta. Somente o som de um choro contido vinha daquele corpo compacto, gorducho.

"Angeli, esse é o meu nome", estendi a mão direita para um possível cumprimento. "Qual é o seu nome?", perguntei com sincera curiosidade, mas o choro aumentou a potência, impedindo que palavras saíssem da boca do estranho rapaz.

Recolhi minha mão. Ficamos por alguns instantes sem trocar nenhuma palavra. Observávamos as águas calmas do lago. Uma brisa começara a soprar em nossa direção. Sentíamos o frescor das águas que vinha embalado no vento fraco.

"Tess... tessalom", o rapaz decidiu abrir a boca. "Você quer conversar comigo?", as palavras traíam um tom infantil, desesperadas por atenção.

"Você não está com calor debaixo dessa blusa horrenda?", minha sinceridade fez surgir um leve sorriso naquele rosto redondo, coberto por um fino cavanhaque muito bem aparado.

"Foi a primeira coisa que achei hoje pela manhã ao abrir minha mala", sua timidez era comovente. "Eu estou hospedado em um hotel aqui perto". Tessalom enxugou as lágrimas, mas continuava a não olhar diretamente para mim.

Eu não consigo conversar com ninguém que use óculos escuros. Preciso ver a pessoa por inteiro através do seu olhar. Pedi delicadamente para que Tessalom retirasse os seus óculos. Ele relutou por alguns instantes. Percebi seu receio em se expor a um estranho. Tessalom não era um "Tessalom qualquer". Sim, eu sabia que aquele nome era falso, além de ridículo, diga-se de passagem. Notei sua verdadeira identidade quando a proteção escura que cobria o seu olhar fora removida. Mantive a discrição. Não houve nenhuma reação de minha parte que pudesse demonstrar minha surpresa.

"Assim está melhor. Qual o motivo de tanto sofrimento?", toquei de leve em seu braço, enquanto ele guardava os óculos no bolso da blusa medonha. "Agora tire esse capuz, quero ver o seu rosto por inteiro", minhas palavras surtiram o efeito de uma ordem. Tessalom sentiu-se novamente receoso em retirar sua máscara, mas obedeceu ao meu pedido sem maiores comentários. O capuz veio abaixo ao mesmo tempo em que a cabeça desceu como um avestruz assustado, pronto para se enterrar no gramado macio.

"Você quer responder a minha pergunta?", tentei ser o mais complacente possível, pois qualquer movimento em falso poderia assustá-lo e o faria enterrar-se ainda mais em seu sofrimento. "Pode confiar em mim", disse-lhe, enquanto tocava sua mão esquerda, que transpirava, trêmula e fria.

Tessalom percebeu que minha atitude era sincera. Voltou a olhar a mansidão do lago. Assustou-se com um grupo de garotas que passou a poucos metros de distância de onde estávamos. Percebi que os gritos histéricos das adolescentes o deixavam nervoso. E agora eu sabia o motivo de tanto disfarce.

"Fique tranqüilo, 'Tess'. Elas foram embora e não viram quem era você", minha mão permanecia segurando a sua, na intenção de protegê-lo do mundo real.

"Então você sabe quem eu sou", um misto de decepção, alegria e medo corroíam sua afirmação. "Você não vai me usar? Não vai querer algo de mim?", a postura infantil voltava a tomar conta de sua frágil personalidade.

Eu não disse nada, pois meu olhar afirmava-lhe que podia contar comigo naquele momento. Tessalom respirou fundo. Uma nuvem cobriu-nos por inteiro, juntando-se à sombra da amiga paineira, que estava próxima de nós. Ao longe víamos o chafariz sendo desligado pelos circuitos automáticos que controlavam os movimentos das águas. Não havia pessoas por perto. E Tessalom contou-me a sua história, entre soluços e lágrimas.

"Meu produtor me abandonou no último final de semana. Agora em definitivo. Estávamos juntos há séculos. Graças a ele hoje sou o que sou. É claro que devo muito ao meu irm... parceiro musical, sem o qual eu jamais teria chegado ao patamar artístico em que me encontro nesse momento.

"Por causa do meu trabalho fui obrigado a esconder meus sentimentos todo esse tempo. Até um filho fui obrigado a gerar. Não sou o único, você sabe. Até aquele apresentador que eu me recuso a dizer o nome – eu o odeio – fez filho para manter a ilusão de suas fãs em relação à sua masculinidade. Meu Deus, como as mulheres podem ser tão idiotas?

"Sou rico. Sou famoso. Eu e minha família temos tudo o que alguém pode desejar nessa vida. Mas a fama me cansa. Não sei mais o que é ter um minuto de privacidade. Nem sei como posso confiar a minha vida a você nesse momento".

Tessalom, por instinto de sobrevivência, colocou novamente o capuz ao ver outro grupo de pessoas passarem apressadas perto de nós. Ninguém dava atenção à nossa presença no parque. As pessoas tinham seus próprios temores e neuras cravadas em seus interiores para superar. A imensidão e o verde funcionavam como uma grande válvula de escape.

Minhas mãos voltaram a tocar as mãos do artista famoso. Não importava quem ele era e sim a situação que ele vivia naquele momento. Para mim a vida era tão simples de ser vivida. Minha sexualidade, resolvida desde os treze anos de idade, jamais me dera trabalho algum. Era triste constatar que pessoas como Tessalom viviam em uma redoma de vidro cercada por monitores a lançar-lhes imagens difusas de um paraíso inexistente.

Como seria fácil assumir-se sem culpa e encontrar maneiras práticas de viver a sexualidade e os sentimentos sem ter que dar satisfações a ninguém. Agora eu era capaz de compreender a mensagem atrás de algumas de suas músicas de sucesso. Sim, eu até gosto de música sertaneja. Tessalom confirmou em seguida os meus pensamentos.

"A terceira música do nosso mais recente álbum foi composta pelo meu irmão – como todas as outras centenas de canções, afinal – baseada na minha história vivida com o meu ex-produtor", a emoção da perda recente provocou nova enxurrada de lágrimas, "meu irmão só trocou o personagem masculino por um feminino... você sabe... aquela coisa melosa de sempre... é o que vende discos nesse país", ele dizia entre soluços.

"É triste saber que ficamos ricos e famosos compondo músicas 'dor-de-corno' para a massa ignorante. Música popular? Talvez, mas sempre enaltecendo as agruras de um povo que não tem acesso a uma boa educação, entre outras coisas", o olhar se perdia na imensidão do lago à sua frente. "O povo se apegue a qualquer coisa que amenize o seu sofrimento. Nosso produto serve como válvula de escape para se fugir das dificuldades da vida. Ilusão que vende ilusão, nada mais."

Mudando o lado do carinho, agora era Tessalom que segurava firmemente a minha mão direita, como que a implorar que eu não fugisse dali e o abandonasse em seu desabafo pessoal.

"Apesar de até ser fã do estilo, confesso que não acho suas músicas tão ruins assim como você diz. Tudo bem que as letras falam sempre do 'amor de corno', mas as melodias são muito boas. Grudam na memória da gente", a última frase fora dita com um certo cinismo sem maldade. "Tenho até um dos seus discos. Deve ser o álbum de 99", tentei remediar minha extrema sinceridade.

Ignorando o meu comentário, Tessalom inspirou o ar quente daquela terça-feira de sol radiante. Desandou a falar como num discurso político. Respeitei o seu desabafo. "Tenho vontade de jogar tudo para o alto. Ir ao Faustino e, ao vivo, dizer tudo o que sinto. Dizer para as nossas milhares de fãs que lutem pelos seus sentimentos e seus sonhos. Dizem que sou mesquinho, avaro, e sei-lá-mais-o-que, mas tenho imensa vontade de usar minha fortuna em fundações para educar o povo. Tenho vontade de tanta coisa. Mas falta-me a coragem. Falta-me apoio. Sinto a falta de um amigo, um companheiro para caminhar do meu lado". As mãos golpearam o ar, o rosto moreno corado ao dizer que sentia a falta de um amigo emocionou-me no mesmo instante.

"Se você permitir, Tessalom, eu gostaria de tentar ser seu amigo", desci o seu capuz, enquanto proferia minhas palavras sinceras. Trocamos olhares demorados. Um desejo nasceu e um beijo poderia ser trocado. Um beijo de amor fraterno. De carências sentidas de ambos os lados. Mas o ato não ocorreu. Fora sufocado pelo bom senso. O lugar onde estávamos não nos permitia tamanha ousadia. Não por mim, mas por ele. Nunca se sabe quando um repórter da Cretas pode estar de plantão atrás de uma árvore qualquer, pronto a

destruir a vida de uma celebridade. Eu deveria protegê-lo. Recuei. Olhei para o lago. Não sei o porquê, mas lembrei-me de Diana, a princesa.

"Angeli, o que você faz da vida?", a voz rouca de Tessalom despertou-me de meu torpor.

"Agora sou escritor", disse entre sorrisos. "Digo 'agora', pois já fiz de tudo nessa existência... sempre ligado ao mundo das artes e da cultura".

"Você escreve romances?", sua curiosidade infantil aliado ao seu rosto de criança carente induzia-me ao desejo de abraçá-lo por horas e horas.

"Escrevo de tudo um pouco", expliquei-lhe pausadamente. "Sim, acabo de publicar um romance. Meus textos são voltados para o público gay e meu segundo livro mostra um amor diferente vivido entre pai e filho". A empolgação pelo meu trabalho encheu-me de orgulho.

"Que interessante!", a criança crescida queria saber mais. "Prometa que vai autografar um exemplar especialmente para mim", a ansiedade em saber mais sobre o tema o fazia confundir o raciocínio.

"Sinto-me aliviado por ter encontrado alguém como você", continuou Tessalom, renovado por conseguir desabafar o seu problema. "Farei uma coisa que é muito difícil para mim... mas sinto que posso confiar em você. Podemos trocar nossos números de telefone?"

Era a primeira vez que eu fazia contato direto com uma celebridade nacional. Não dava para negar a "tentação" de possuir o número pessoal daquele artista famoso que estava abrindo o seu coração e a sua intimidade a um estranho.

Anotamos os números em nossos Siemens. Novamente paramentado, com o capuz a cobrir-lhe a cabeça e os óculos enormes a taparem boa parte do rosto, meu novo amigo - que mais parecia um besouro cibernético do que um ser humano -, levantou o corpo compacto. "Eu preciso ir embora. Tenho uma passagem de som agora a tarde".

Tessalom estendeu sua mão. Segurei aquela mão bem tratada, delicada e macia para que eu pudesse me levantar. De pé, nossos rostos quase colados, o cheiro de suor e o contato de peles inebriaram nossos sentidos. Foi inevitável um rápido beijo, seguido de um caloroso abraço. O cavanhaque tocou levemente o meu pescoço. Um calafrio percorreu todo o meu corpo. Eu queria fazer amor com aquele cantor.

"Acho melhor sairmos em separado", eu disse a ele, o instinto protetor voltava a tomar conta de mim.

"Posso te fazer um convite?", novamente o rostinho rechochudo dominava minhas atenções.

Respondi com um sorriso. Tessalom tirou do bolso da bermuda um punhado de papéis um tanto amassados. Alisou-os com delicadeza. Separou quatro pedaços e deu-me as tiras em seguida. Em minhas mãos, percebi que eram ingressos.

"Depois de amanhã iniciamos nossa nova turnê nacional. Eu gostaria muito que você fosse assistir ao primeiro show. É estréia, você sabe. Eu gostaria de sentir sua presença próxima a mim".

Antes que eu pudesse agradecer aquele gesto, Tessalom continuou, fechando minha mão em concha; os ingressos guardados na altura do coração. "Farei uma surpresa para você. Confie em mim".

Não saíram palavras da minha boca. Tessalom conquistara o meu coração. Prometi com um movimento de cabeça que estaria em seu espetáculo na quinta-feira à noite.

Um novo e breve abraço foi trocado e Tessalom seguiu o seu caminho. Permaneci parado, somente apreciando os passos contidos do artista famoso. Ele misturou-se às pessoas adiante. Ninguém reconheceu a

personalidade que há minutos atrás chorava sua vida em meus braços. Segui o meu caminho na direção oposta. Voltei para o vazio do meu apartamento.

As fãs enlouquecidas dominavam todos os espaços possíveis do Olímpicos. Até hoje não sei como consegui entrar são e salvo no meio daquela multidão de mulheres malucas. Alguém me posicionou em um local privilegiado. Seria impossível deixar a casa de espetáculos antes do término do show. Horas de espera. Finalmente as luzes se apagaram. Feixes coloridos inundaram o palco. A festa ia começar.

Após uma hora de show, entre tapas e beijos e gritos e histerismos – quase entrei em paranóia com o ruído insuportável produzido pelas loucas – meu querido Tessalom que não era "Tessalom" apareceu no palco sozinho, sentando bem ao centro, munido apenas de um violão clássico. A dupla já havia tocado a maioria dos seus sucessos e também algumas músicas do novo álbum. Fiquei impressionado comigo mesmo por saber praticamente todas as letras de cor.

O irmão de Tessalom – a primeira voz – havia se retirado do palco para uma nova troca de roupas e alguns minutos de descanso. Tess aprumou-se em seu banquinho de madeira. Dedilhou algumas notas conferindo a afinação do seu instrumento. Com a mão tapando o alto das sobrancelhas e os olhos semi-cerrados como que à procura de alguém no meio daquela multidão cento e vinte por cento feminina, ele aproximou a boca miúda do microfone sem fio. "A próxima canção fala sobre perdas e danos", a voz sensual amplificada milhares de vezes fez calar por segundos milhares de fãs. "Fala sobre a superação da dor de uma separação", excitadas, algumas mulheres não conseguiam conter os gritinhos histéricos. "Fala do recomeço... a mensagem real é que sempre podemos recomeçar", notei que a frase fora cortada, pois a emoção de Tessalom poderia traí-lo a qualquer momento. Ele estava fora do seu limite. "Devemos lutar pelos nossos sonhos. Pela nossa felicidade!", os gritos aumentaram sensivelmente.

Tessalom encontrou-me no meio do público. "Dedico essa canção para uma... pessoa especial", uma linha tênue unia o nosso olhar. "Uma grande pessoa que mostrou-me que tudo é possível quando existe confiança e amiz...", mais uma vez as palavras morreram na boca miúda, nervosas e um pouco sem sentido. Mas a mensagem principal ele conseguira passar ao seu público.

"Essa música é pra você, Angela". Ele olhou para um céu imaginário ao proferir a última frase. Eu olhei para um fundo infinito onde meu desejo maior era enterrar minha cabeça no vazio, como um avestruz.

Felizmente todas as mulheres presentes no recinto chamavam-se "Angela", tal era a histeria provocada pelo sensual cantor. As cordas do violão começaram a ser dedilhadas. Uma harpista surgiu iluminada no canto direito do palco para acompanhar tão doce melodia. Um coro feminino juntou-se à doce voz rouca de Tessalom. E teclados e percussão e luzes azuis e verdes transformavam aquela música em um doce sonho.

Música para a massa consumista do nosso país. Música que naquele momento era a mais pura evocação da arte nacional. Música popular, talvez, mas nada disso importa, pois o que valia era a emoção do momento. Aquela música era para mim. Aquelas palavras eram para tocar o meu coração.

Em casa, de madrugada, deitado nu no chão da sala, a mão direita ensandecida movimentando meu sexo para cima e para baixo; eu relembrava aquela melodia grudenta e cafona que permaneceria eternamente gravada em meu coração. Eternizada em um pedaço de plástico negro. No bendito álbum de 1999.

(for L., with love)

Moa Sipriano – www.moasterio.com